

## ARTE E TECNOLOGIA COMO ÂNCORAS PARA A CULTURA REGIONAL

### *ART AND TECHNOLOGY AS ANCHORS FOR REGIONAL CULTURE*

Márcio Alexandre Esteves Bernardino<sup>1</sup>  
Priscila Ferreira Perazzo<sup>2</sup>

#### Resumo

Em tempos de avanço contínuo das Tecnologias da Comunicação e Informação TICs, que agem sobre o comportamento humano por meio da interação homem e máquina, fica cada vez mais complicado tratar da autonomia no modo de agir, pensar e sentir. Em um cotidiano mediado por computadores é questionável a liberdade no momento das decisões, que muitas vezes são influenciadas por interesses mercadológicos, favorecendo o crescimento do fenômeno da globalização, que implica na ressignificação das relações sociais e da cultura. Mas como resistir a essa nova era preservando a individualidade e a identidade? Da mesma forma que as TICs podem desestruturar modos de agir tradicionais de grupos e comunidades, também possibilitam sua utilização focada na preservação das identidades, tendo como aliada a arte, meio pelo qual as pessoas se expressam, questionam seus atos e refletem acerca do cotidiano em que estão inseridas, exercitando o discernimento e a cidadania.

**Palavras-chave:** Independente. Regionalismo. Tecnologia. Arte. Cidadania.

#### Abstract

In times of continuous advancement of Information and Communication Technologies (ICTs), which act on human behavior through human-machine interaction, it is becoming increasingly complicated to deal with autonomy in the way we act, think and feel. In a computer-mediated daily life, freedom for decisions is difficult, because is often influenced by market interests, favoring the growth of the globalization phenomenon, which means the ressignification of social relations and culture. But how can we resist this new age by preserving individuality and identity? ICTs can disrupt traditional way of lifes and and they are also used to focus on

<sup>1</sup> Mestre em Inovação na Comunicação de Interesse Público pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) - SP. Pós-graduado em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e graduado em Comunicação Social pela Universidade Católica de Santos (Unisantos), com bacharelados em Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0396866561593603>. E-mail: [marcioaeb@gmail.com](mailto:marcioaeb@gmail.com).

<sup>2</sup> Docente do Programa de Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Doutora em História Social. Responsável pelo Laboratório Hiper mídias (USCS). Estuda memória, comunicação e cultura. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6776491492024700>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9073-075X>. E-mail: [prisperazzo2@gmail.com](mailto:prisperazzo2@gmail.com).

preserving identities, working side by side<sup>3</sup> with the Art, people expression, questioning their actions and reflecting on their daily lives in a citizenship way.

**Keywords:** Independent. Regionalism. Technology. Art. Citizenship.

## 1 INTRODUÇÃO

O conceito de independência na contemporaneidade tem sido objeto de análise em obras de autores como Luciano Floridi (2015), Néstor Canclini (1997) e Bruno Latour (2012), entre tantos outros. No entanto, esse desejo de agir segundo a própria vontade e crenças<sup>3</sup>, o que gramaticalmente remete à liberdade, pode ter interpretações distintas em um mundo cada vez mais influenciado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Como isso ocorre? Trata-se aqui de um cotidiano em que a ação de aparatos digitais, que atuam em diversas esferas da vida humana, imbricados na rotina do dia a dia, vem alterando “o relacionamento do indivíduo com ele próprio, sua vida em sociedade e sua interação com o mundo” (FLORIDI, 2015, p. 1).

Diante desse cenário, textos acadêmicos como *Globalização Comunicacional e Transformação Cultural*, de Martín-Barbero (2003), e *The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era*, de Floridi (2015), que tratam sobre a relação das pessoas com o mundo atual, demonstram que há a emergência de duas correntes de pensamento ambíguas. Uma entende que as TICs, numa visão otimista sobre seu desenvolvimento, acolhida por Néstor Canclini (1997), podem prover a democratização do conhecimento e a valorização da cultura regional, assim como defende Martín-Barbero (2003), ressaltando sua simbologia, história e costumes.

Por outro lado, há uma segunda vertente, abordada por autores como Fernanda Bruno (2012), Luciano Floridi (2015), Bruno Latour (2012) e André Lemos (2014), que entende que as inovações comunicacionais, ao invés de proporcionarem emancipação intelectual e cidadã dos indivíduos, assim como a defesa de suas raízes culturais, podem colaborar para tornar os indivíduos cada vez menos autônomos, uma vez que o comportamento humano em um ambiente sociotécnico é rastreado, medido e armazenado, gerando bancos de dados sobre hábitos, preferências, posições ideológicas, condição econômica (BRUNO, 2012). Dados que

---

<sup>3</sup> Possíveis significados atribuídos à independência no dicionário: “pessoa que tem autonomia; quem não se submete às vontades e/ou necessidade alheias; aquele ou aquela que é livre para se comportar ou pensar da maneira como lhe convir. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/independente/>>.

são utilizados por artefatos artificiais, programados para tanto, com o objetivo de replicar a realidade para pessoas e grupos de interesse, mediando a informação propagada e influenciando hábitos (BRUNO, 2012).

Comparando o atual cenário tecnológico a um dos possíveis conceitos literais de independência – o de não se deixar influenciar, preservando a autonomia -, o que se tem na atualidade é justamente o inverso, com as visões de mundo, as políticas modernas e os conceitos de público e privado mediados por artefatos, que antes desenvolvidos e controlados por humanos, deixam de ser meras máquinas para moldar situações e informações de forma própria, explorando a riqueza de dados gerados a partir das relações entre indivíduos e máquinas (FLORIDI, 2015, p. 4), implicando em mudanças comportamentais.

Diante dessa nova dinâmica, o sociólogo francês Bruno Latour (2012) propõe, com base no caráter heterogêneo das relações sociais e dada à presença e à ação de humanos e não-humanos, na mediação atual da comunicação, que a palavra social<sup>4</sup> seja substituída por “coletivo”. Para o autor, é nesse universo que nasce o conceito de “rede”, que, para ele, significa movimento da associação, do coletivo em formação.

Trata-se de entender que a realidade não se restringe apenas à individualização da ação, ou à conformação de um espaço micro. Todos os espaços, micro ou macro, individuais ou coletivos, tornam-se fictícios, uma vez que o conceito de rede transcende conexão, tornando-se composição. Isto quer dizer que a rede não se trata da infraestrutura, mas daquilo que se forma por meio da relação, gerando o coletivo (LEMOS, 2014, p. 35).

Tal visão trata o ato social como algo fluido, que só ocorre enquanto novas associações entre homem e máquina estão sendo criadas. “O que há (ou houve) de social só acontece (ou aconteceu) no momento em que os actantes estão (ou estiveram) se afetando” (PRIMO, 2012, p. 636). Para Latour (2012), o termo “actante” é utilizado de forma neutra, para se referir a atores tanto humanos como não humanos.

Resultado dessa nova era, humanos e artefatos passam a interagir continuamente, influenciando-se mutuamente por meio de redes sociais, *smartphones*, sensores, *wearables*, servidores, nuvens e ambientes virtuais em geral, formando um permeável senso comum. Nesse novo contexto de interações, até mesmo o lugar físico passa a ser um sujeito da ação, com a informação disparada partindo e reagindo a ele. Trata-se, mais uma vez, de um híbrido

---

<sup>4</sup> Social entendido por Latour (2012) como o ato de “seguir/acompanhar”. Alguém seguindo a outros, um acompanhador ou uma associação. O latim *socius* denota uma companhia, uma associação.

de atores humanos e não-humanos interagindo em meio a um contexto local, excluindo casualidade desse contato (LEMOS, 2010).

Esse cenário tão atual tem transformado por completo as relações do cotidiano, como já descrito por Floridi (2015) e, como consequência, também vem redefinindo as concepções sobre a cultura<sup>5</sup>, que se torna, assim, segmentada, formando um amplo mosaico de preferências e hábitos, até mesmo em comunidades mais fechadas.

As culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis e portanto desaparece a possibilidade de ser culto conhecendo o repertório das ‘grandes obras’, ou ser popular porque se denomina o sentido dos objetos e mensagens produzidos por uma comunidade mais ou menos fechada (uma etnia, um bairro, uma classe). Agora essas coleções renovam sua composição e sua hierarquia com as modas, entrecruzam-se o tempo todo, e, ainda por cima, cada usuário pode fazer sua própria coleção. (CANCLINI, 1997, p. 9).

Considera-se, desse modo, que o mundo que conhecemos na contemporaneidade transcende a percepção consciente do dia a dia. As escolhas que se faz no cotidiano são realmente derivadas de necessidades, gostos e da cultura de cada um ou estão embutidas no inconsciente por um sistema de coleta e emissão de informações computadorizado? Eis uma questão que faz pensar sobre o sistema que explora os sentidos humanos com surpreendente êxito, baseado no registro frio e contínuo dos hábitos de cada um que usufrui de ambientes e aparatos digitais, armazenando dados referentes a momentos de lazer, trabalho e da própria intimidade. Um sistema capaz de processar tais informações, de modo a convencer até mesmo os mais céticos de que padrões de consumo impostos por um contexto mercadológico e tecnológico são, na verdade, necessidades advindas de seu próprio ser.

Desta forma, será que hoje ainda se age segundo a própria consciência ou estamos cada vez mais inseridos, inconscientemente, em uma realidade virtual digna de filmes de ficção científica? Será que o idealizado comportamento autônomo, a independência de agir segundo os próprios princípios, poderia existir? Ou será que se age, pensa e sente segundo a influência de processos sociotécnicos que absorvem o que somos para nos tornar uma sombra de nós mesmos?

---

<sup>5</sup> Segundo Arantes (1984), trata-se de um processo por meio do qual os homens, para atuar em sociedade, produzem e utilizam bens culturais que formam sistemas simbólicos de significação. Estes, por sua vez, organizam a vida cotidiana. Simbolismo constituído por conhecimentos, costumes, crenças e padrões de comportamento que são adquiridos e transmitidos socialmente.

Se num passado anterior às TICs as pessoas eram influenciadas umas pelas outras ou mesmo pela programação padronizada dos meios de comunicação de massa (HORKHEIMER; ADORNO, 2002), na contemporaneidade tudo ganha nova forma, com organismos artificiais mediando segundo suas programações, individualmente. A interação das pessoas com o mundo e entre elas próprias influencia comportamentos por meio de uma simulação digitalizada das relações orgânicas intrínsecas ao convívio humano, promovendo, assim, a associação inconsciente de conceitos como felicidade, prazer e liberdade a aspectos mercadológicos e de consumo. Uma ação que afasta o indivíduo cada vez mais de sua cultura, que passa a ser moldada pelas relações comerciais em ambientes sociotécnicos.

Diante do descrito cenário, pensa-se: o que sobrou da aspirada independência da ação humana? Como agir com o máximo possível de autonomia no mundo contemporâneo? Como resposta a esses questionamentos surge uma corrente de pensamento otimista, que avalia possibilidades de avanços culturais e sociais derivados das relações mediadas das TICs. Como explica Canclini (1997), novas possibilidades de conhecimento também são facilitadas por meio das inovações digitais.

A remodelação tecnológica das práticas sociais nem sempre contradiz as culturas tradicionais e as artes modernas. [...] Assim como os *videogames* trivializam batalhas históricas e alguns *videoclipes* as tendências experimentais da arte, os computadores e outros usos do vídeo facilitam obter dados, visualizar gráficos e inová-los, simular o uso de peças e informações, reduzir a distância entre concepção e execução, conhecimento e aplicação, informação e decisão. Essa apropriação múltipla de patrimônios culturais abre possibilidades originais de experimentação e comunicação, com usos democratizadores [...]. (CANCLINI, 1997, p. 293).

Desta forma, entende-se que essa modernização das TICs, se, por um lado, molda o cotidiano, favorecendo a expansão daquilo que se entende por globalização<sup>6</sup>, também pode ser utilizada como instrumento para a defesa das culturas locais, por meio de sua utilização como forma de ressaltar as características de uma determinada região.

Trata-se de uma necessidade de defesa já citada por Martín-Barbero (2003) pelo conceito de “âncora territorial”, no qual explica que as raízes culturais precisam ter inserção local, onde ocorre a corporeidade da vida cotidiana e a temporalidade da ação

---

<sup>6</sup> O conceito remete à “[...] extraordinária aceleração da expansão do capital (o ‘turbocapitalismo’), esse processo tendencial de ‘transnacionalização’ do sistema produtivo e de atualização do velho liberalismo de Adam Smith a que se vem chamando de ‘globalização’ e cuja autopropaganda, atravessada pela ideologia do pensamento único, lhe atribui poderes universais de uniformização” (SODRÉ, 2002, p. 11).

coletiva, “[...] base da heterogeneidade humana e da reciprocidade, características fundadoras da comunicação humana” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 59).

Deste modo, entende-se que a “[...] região cultural, hoje, tem afirmado sua identidade mediante a valorização dos códigos culturais e, o resgate do passado, como forma de manter a originalidade alicerçada nas heranças culturais” (BEZZI; BRUM NETO, 2009, p. 21).

Uma região que, se inserida estrategicamente no universo das TICs, pode mediar seu relacionamento com os indivíduos (LEMO, 2010), passando a difundir sua história, características e símbolos culturais por meio dos canais tecnológicos, estimulando, assim, o espírito regionalista, entendido como a materialização da identidade comum à população, mediada por códigos culturais visíveis e não visíveis (BEZZI; BRUM NETO, 2009).

Os locais passam, então, a dialogar com a população, explicando, eles próprios, sua significação, transmitindo conhecimento e estimulando o sentimento de pertencimento, compreendido como enraizamento, de “um todo que agrega, torna visível um contato face a face e a relação de troca de valores” (SOUSA, 2010, p. 37).

Trata-se também de uma interação que pode materializar as formas de utilização do espaço cultural, oferecendo, entre outras opções, a agenda e locais de festejos regionais, atrações e história de um teatro, as exposições em pauta numa galeria de arte ou as sessões disponíveis em salas de cinema, entre tantas outras possibilidades. Tudo isso vinculado a informações sobre capacidade de público de cada local, preços das entradas, disponibilidade de ingressos, horários, opções próximas de alimentação, estacionamento, transporte etc.

## **2 ARTE COMO FERRAMENTA PARA A ANCORAGEM TERRITORIAL**

Quando se trata de difusão cultural e ancoragem territorial (MARTÍN-BARBERO, 2003), a arte tem papel fundamental. Sua etimologia deriva do verbo latino *Ágere*, que significa agir, e, portanto, “[...] tem sido compreendida como uma atividade fundamental do ser humano [...], que traz em seu cerne a informação” (ALVES, 1997, p. 21).

Enquanto informativa, discutindo assuntos da atualidade, expressando a cultura de um grupo ou mesmo noticiando fatos do cotidiano, estimula o desenvolvimento da cidadania cultural, definida como “[...] um meio de representação da realidade, uma construção social, percepção de nós mesmos no mundo possibilitando-nos assumir modelos de identidade e comportamento [...]” (GRUMAN, 2012, p. 202).

Sendo assim, entende-se que a arte também traz, em sua essência, o conceito de comunicação popular e comunitária (PERUZZO, 2009). Desta forma, propõe o resgate do sujeito em sua singularidade, ou seja, posiciona o indivíduo no processo de produção e interpretação das informações em circulação na sociedade, visando à reflexão sobre o conteúdo digitalizado oriundo da globalização. Conseqüentemente, promove aquilo que se entende por emancipação cidadã. Desse modo, a arte enquanto canal de informação estimula a comunicação popular democrática, que fortalece a cultura de um povo (PERUZZO, 2009).

A arte aliada à importância estratégica da interatividade digital dos espaços culturais físicos (LEMOS, 2010), com disseminação ao público do conteúdo recebido por esses espaços por meio da dinâmica das TICs e dos processos sociotécnicos gerados a partir delas, constitui ferramenta imprescindível para o resgate da essência da cultura local, promovendo a resistência dos valores regionais frente à influência do mundo globalizado. Com base no pensamento de Canclini (1997), a equiparação de forças entre o local e o globalizado gera a democratização do conhecimento e da informação levada ao público, que ao mesmo tempo em que tem a possibilidade de preservar suas raízes identitárias, mantém o inevitável contato com as inovações da contemporaneidade, só que agora com a possibilidade de discernimento, caminho para a independência.

Os objetivos debatidos até aqui estão em confluência com os conceitos de comunicação de interesse público que, segundo pesquisa da jornalista Marina Koçouski (2012), constituem uma estratégia ou ação comunicativa que atende ao direito das pessoas à informação e à participação, em assuntos relevantes à vida em sociedade. Desta forma, por meio do pleno acesso à arte, também entendida como informação, promove-se a cidadania, entendida aqui como conceito de vida com dignidade; de ideais de felicidade construídos a partir da plena prática dos direitos individuais (ULHÔA, 2000). Cidadania que mobiliza o debate acerca de questões relativas à coletividade e, assim como já mencionado, gera discernimento e autonomia.

### **3 A MOLDAGEM DA INDEPENDÊNCIA ARTÍSTICA**

A arte combativa e informativa descrita até aqui, imbuída dos princípios de cidadania, também pode se curvar à influência de um mundo globalizado, uma vez que é criada por pessoas que são expostas e sugestionadas diariamente pela influência das TICs. Nesse

contexto, o conteúdo criativo local pode se moldar, ou não, às características que o mercado vem assumindo em virtude da modernização de seus processos.

Nesse cenário, surge uma bipartição na produção cultural dita intelectualmente independente, com a primeira via se mostrando ideológica e de resistência ao processo de mundialização, com correspondência aos princípios contidos no texto do manifesto *Por uma Arte Revolucionária Independente*, de 1938, idealizado pelo escritor francês, poeta e teórico do surrealismo André Breton e pelo pintor mexicano Diego Rivera, com participação do revolucionário russo Leon Trotski, que, embora tenha colaborado de forma importante para a formulação do documento, não assinou o texto.

Segundo o manifesto, que continua atual em muitas práticas, a

[...] arte verdadeira, que não se contenta com variações sobre modelos prontos, mas se esforça por dar uma expressão às necessidades interiores do homem e da humanidade de hoje, tem que ser revolucionária, tem que aspirar a uma reconstrução completa e radical da sociedade, mesmo que fosse para libertar a criação intelectual das cadeias que a bloqueiam e permitir a toda a humanidade elevar-se a alturas que só os gênios isolados atingiram no passado (BRETON; RIVERA, 1938, p. 2).

O texto também faz menção à necessidade de um regime de governo anarquista (SILVA, 2012, p. 4) para a promoção da liberdade de criação, sem qualquer controle estatal, sem “nenhuma autoridade, nenhuma coação, nem o menor traço de comando” (BRETON; RIVERA, 1938, p. 6), o que implica na renúncia a associações em virtude de “possibilidades materiais” (BRETON; RIVERA, 1938, p. 8).

A segunda via surge com o advento do ciberespaço e das ferramentas de comunicação resultantes das TICs, que ocasionam a reinterpretação das possibilidades materiais versus liberdade de expressão. Considerando como exemplo a música, forma-se um “[...] plural, heterogêneo e dinâmico mercado [...]” (COSTA; FARIAS, 2014, p. 2) que privilegia a liberdade da criação, desvinculada dos meios de comunicação de massa e da indústria fonográfica massificada, mas que ainda assim não refuta o lucro pela comercialização dos trabalhos.

Nessa nova realidade, os artistas passam a montar sua própria estrutura para o exercício do ofício, tudo isso sem vínculo com grandes empresas e com custos de operacionalização baixos. Nesse contexto, destacam-se os papéis das redes sociais, aplicativos

e de canais como o Youtube, usados para a divulgação, muitas vezes gratuita, dessa criação (COSTA; FARIAS, 2014, p. 2), que passa a ser desenvolvida

[...] sem a rigidez das regras formais do direito de propriedade e por sistemas de distribuição descentralizados, nos quais a produção é feita com custos reduzidos através do avanço tecnológico, e a comercialização é feita, em grande medida, via redes sociais e, fisicamente, por atores sociais diversos – com forte importância para os informais – que divulgam as músicas e atraem público para os shows. (COSTA; FARIAS, 2014, p. 3).

Quando se trata de arte independente, é bom não confundi-la com a defesa de interesses ou a imposição de visões pessoais de mundo. Por vezes, trabalhos independentes apresentam vínculo com um sentimento de individualismo, que não pode ser confundido com o conceito clássico de liberdade artística de Breton e Rivera (1938), ou mesmo com os novos formatos desenvolvidos no mercado independente. O conceito de independência intelectual enfocado neste artigo trata da livre disseminação de ideias postas em discussão na sociedade, buscando o fortalecimento do espírito regional como forma de promover o bem comum e a cidadania.

Essa postura individualista é comum ao mundo globalizado, como destaca Ribeiro (2013, p. 138). Ela nasce da atual necessidade de cada indivíduo “ser original e autêntico em sua expressão e a se autoconstruir como sujeito [...]”. Situação que traz o perigo de que “[...] todas as demandas por independência, autonomia e autenticidade acabem, muitas vezes, criando uma cultura que esvazia a própria autonomia, transformando a busca de originalidade e de autenticidade em autocomplacência” (RIBEIRO, 2013, p. 138).

Tal conceito abordado por Ribeiro (2013) remete à ilusão comum ao mundo das TICs, em que cada pessoa desenvolve “[...] a sua própria forma de vida, fundada sobre a sua percepção daquilo que é realmente importante ou tem valor”. Um mundo em que, a todo o tempo, “[...] as pessoas são chamadas a serem fiéis a si mesmas, a buscarem a própria autorrealização” (TAYLOR, 1992, p. 14 apud RIBEIRO, 2013, p. 139).

Esse comportamento autocentrado, restrito ao debate, pode blindar a percepção do artista para as influências e demandas sociais do meio em que está inserido, tornando-o

[...] cada vez mais confiante na capacidade de definir sua própria identidade, mesmo que em descontinuidade com o resto da realidade. Tem-se, assim, uma nova concepção de indivíduo, confiante na própria capacidade de criar

uma ordem moral imanente, sem referência a uma ordem externa. (RIBEIRO, 2013, p. 143).

Nesse caso, a própria arte pode tornar-se vítima da contemporaneidade mundializada, com o artista absorvendo os valores sociais globalizados. Esse cenário gera uma relação cíclica em que a arte passa simplesmente a replicar a realidade mercadológica moldada pelas tecnologias de informação, não mais resistindo, passando a colaborar para as mudanças no relacionamento dos indivíduos entre si e com eles próprios. Tal processo culmina na diluição da cultura regional frente ao cotidiano de informações, crenças e padrões estéticos padronizados segundo as relações sociotécnicas.

Relações digitalizadas que não podem sobrepor-se ao espírito livre, informativo e questionador da arte, sob a pena desta perder seu sentido social de representar um caminho para a cidadania e para a ancoragem territorial. No entanto, a associação autônoma da arte à tecnologia, preservando sua essência, abre caminho para o discernimento e para heterogeneidade da cultura humana, equacionando as forças entre o regional e o global para que ambos caminhem em uma harmônica simbiose.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As relações humanas na atualidade não podem ser dissociadas dos avanços digitais e dos interesses econômicos. Com o crescente desenvolvimento da tecnologia, aparatos eletrônicos deixam de ser apenas extensões do corpo, utilizados como ferramentas passivas, submetidas à vontade humana, e assumem posição ativa nas relações sociais, moldando a realidade segundo suas programações, como forma de influenciar a ação dos indivíduos, que se tornam cada vez mais subordinados, inconscientemente, às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Homem e máquina passam a interagir, influenciando-se mutuamente. O comportamento humano em um ambiente digital passa a ser rastreado, medido e armazenado, gerando bancos de dados sobre hábitos, preferências, posições ideológicas, sociais etc. Tais informações são utilizadas por artefatos não-humanos com o objetivo de replicar a realidade para indivíduos e grupos de interesse, mediando a informação propagada de acordo com interesses comerciais.

Nesse contexto em que a consciência e autonomia humanas parecem diminuir cada vez mais, nem tudo representa submissão. Do mesmo modo que as TICs podem sugerir subordinação à globalização, também podem representar importante instrumento na busca pelo empoderamento da cultura regional, valorizando o lugar físico cultural, relacionando-o às tradições, costumes e programações de sua região. É capaz de, no universo virtual, defender a corporeidade da vida cotidiana e a heterogeneidade das relações humanas.

Fala-se aqui de um lugar físico interativo, que se comunica e interage com o público por meio da tecnologia, e que, se aliado ao poder informativo da arte, tem a possibilidade de promover o conceito de cidadania cultural, estimulando o debate sobre a realidade, o fluxo imparcial da informação e do conhecimento, assim como o resgate dos símbolos culturais de uma comunidade. Refere-se aqui ao poder de uma arte cidadã e independente, de interesse público, com liberdade de expressão e criação desvinculada da influência de conglomerados econômicos, capaz de promover a comunicação popular e comunitária como forma de resgatar o sujeito em sua singularidade, rompendo a padronização mundializada.

Longe da utopia, a união entre a arte e os espaços culturais físicos no universo virtual e interativo das TICs constitui uma possibilidade real de resistência à globalização, uma vez que hoje é possível, por exemplo, tráfegar em frente a um museu e conversar - ou ser abordado por ele -, recebendo informações sobre sua programação, história e funcionamento, o que possibilita a ancoragem territorial defendida por Martín-Barbero (2003), capaz de destacar as raízes culturais de uma dada comunidade para ela própria, por meio dos mesmos sistemas e formatos de interações que, quando ordenados segundo imposições econômicas, acabam corroendo as relações sociais.

Entretanto, essa associação é marcada por um limite tênue entre os ideais cidadãos e o individualismo, uma vez que a independência artística está vinculada à liberdade para a busca pelo aprimoramento da sociedade e do exercício da cidadania, enquanto o individualismo, valor social intrínseco a um cotidiano globalizado, tende a focar exclusivamente a autorrealização, deixando o indivíduo em descontinuidade com a realidade, exacerbadamente confiante na própria capacidade de criar uma ordem moral própria, afastando-se da busca pela manutenção das culturas regionais e do espírito cidadão em detrimento de seu próprio senso de legitimidade.

Como já exposto, essa característica individualista faz com que a pessoa se perceba de forma diferente, mudando sua bagagem cultural, que se torna permeável e, desta forma, toda

sua interação com o mundo. E se o artista se torna autocentrado, então sua criação perde o propósito maior de “libertar a criação intelectual das cadeias que a bloqueiam” (BRETON; RIVERA, 1938, p. 2).

## REFERÊNCIAS

ALVES, Erinaldo. A Informação, a cidadania e a arte: elos para a emancipação **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.7, n.1, p.12-25, jan./dez. 1997. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/351>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

ARANTES, Antônio Augusto. **Produzindo o Passado: Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural**. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 1984

BRUNO, Fernanda. Rastros Digitais: o que eles se tornam quando vistos sob a perspectiva da teoria ator-rede. *In: XXI Encontro Anual da Compós. Anais [...]*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012. p. 1 - 18. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1798.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1798.pdf)>. Acesso em: 30 mai. 2019.

BEZZI, Meri Lourdes; BRUM NETO, Helena. A região cultural como categoria de análise da materialização da cultura no espaço gaúcho. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 17, p.17-30, 15 jun. 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/11862>>. Acesso em: 11 mai. 2019.

BRETON, André; TROTSKY, Leon. Por uma arte revolucionária independente. *In: FACIOLI, Vicente (org.). Breton & Trotsky*. São Paulo: Ed. Paz e Terra/Cemap, 1985.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas, Poderes Oblíquos**. São Paulo, SP: Edusp, 1997.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 11 de jun. 2018.

COSTA, Jean Henrique; FARIAS, Tássio Ricelly Pinto de. Indústria cultural, cibercultura e música independente em Brasília: um estudo com as bandas ‘Amanita’ e ‘Feijão de Bandido’. **Acta Scientiarum. Human And Social Sciences**, [s.l.], v. 36, n. 1, p.9-17, 30 jul. 2014.

FLORIDI, Luciano. The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era. **Oxford Internet Institute**, 2015. 264 p. Disponível em: <<file:///C:/Users/compaq/Downloads/1001971.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

GRUMAN, Marcelo. Caminhos da cidadania cultural: o ensino de artes no Brasil. **Educar em Revista**, [s.l.], n. 45, p.199-211, set. 2012.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 2002. Disponível em: <<http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Industria-Cultural-e-Sociedade-Adorno.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

KOÇOUSKI, Marina. **A comunicação pública face ao dever estatal de informar**: Pra não dizer que não falei das flores: estudo de caso do Incra-SP. 2012. 237 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teoria e Pesquisa em Comunicação, Unidade da Uspescola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-17052013-133211/pt-br.php>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Uma introdução à teoria Ator-Rede. Salvador: Edufba/ Bauru (SP): Edusc, 2012. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y9tozmvm>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

LEMOS, A.. Você Está Aqui! Mídia Locativa e Teorias “Materialidades da Comunicação” e “Ator-Rede”. **Comunicação & Sociedade**, [s.l.], v. 32, n. 54, p.5-29, 31 dez. 2010.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas**: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo, SP: Annablume, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Globalização Comunicacional e Transformação Cultural**. Rio de Janeiro: ABDR Editora Afiliada, 2003.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1988.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos Populares**: a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 1998.

PRIMO, Alex. O que há de social nas mídias sociais. Reflexões a partir da teoria ator-rede. **Contemporânea Comunicação e Cultura**, Bahia, v. 10, nº 3, p. 618 – 641. 2012. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6800>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

RIBEIRO, Elton Vitoriano. Existe um imaginário social secularizado na América Latina? **Horizonte**, [s.l.], v. 11, n. 29, p.133-148, 27 mar. 2013. <http://dx.doi.org/10.5752/p.2175-5841.2013v11n29p133>. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n29p133>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

SILVA, Rosecler. O Manifesto por uma arte revolucionária independente: um breve rastreamento do acontecimento histórico. **Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**, Campinas, p.1-11, 2012. Disponível em: <[https://www.ifch.unicamp.br/formulario\\_cemarx/selecao/2012/trabalhos/7362\\_Silva\\_Rosecler.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/7362_Silva_Rosecler.pdf)>. Acesso em: 17 jan. 2019.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede. Petrópolis: Editora Vozes. 2002.

SOUSA, Mauro Wilton de. O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, [s.l.], v. 37, n. 34, p.31-52, 22 dez. 2010.

ULHÔA, Joel Pimentel de. Cidadania. **Philosophos - Revista de Filosofia**, [s.l.], v. 5, n. 2, p.49-68, 5 set. 2010.